

MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

PROJETO DE EDUCAÇÃO PELO RÁDIO

ESCOLAS EXPERIMENTAIS

COORDENADORA: GISÉLDA FONSECA

MARÇO - 1963

MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

PROJETO DE EDUCAÇÃO PELO RÁDIO

ESCOLAS EXPERIMENTAIS

COORDENADORA: GISELDA FONSECA - MARÇO-1963

1 - JUSTIFICATIVA

O Projeto de Educação pelo Rádio, diante da impossibilidade de obter horário que atendesse às suas conveniências nas emissoras locais, viu-se na contingência de suprir a falta de orientação radiofônica nas classes de alfabetização.

Fundamentada na experiência realizada em 1962, o PER iniciou um novo tipo de classe, as classes experimentais, nas quais o monitor, servindo-se do Livro de Leitura para Adultos como roteiro de programa, deflagra nos alunos a compreensão do processo da alfabetização através de cartazes e fotografias que motivam o educando.

De um lado, a utilização de recursos visuais, complementando a percepção auditiva, amplia o sistema de percepções sensoriais do aluno; de outro lado, o debate sobre temas do Livro de Leitura, centrados todos eles em problemas ou atividades peculiares ao grupo, estimula o interesse natural do aluno, contribuindo para maior fixação dos sinais captados.

A pedagogia moderna é acorde em afirmar que os textos devem refletir a cultura e o ambiente do aluno. A habitação, o trabalho; os conceitos religiosos, as condições sociais, as tradições populares, etc., antecedentes de ordem natural, portanto, constituem os centros de interesse do Livro de Leitura para Adultos, do MCP.

Esses os motivos que levaram o PER a buscar na apresentação visual um recurso auxiliar para a comunicação.

Esses os motivos que levaram o PER a utilizar o Livro de Leitura para Adultos como roteiro a ser seguido, uma vez que êle generaliza um máximo de situações comuns aos adultos de Pernambuco, particularmente de Recife.

Concebendo a educação como um processo de comunicação, o PER prepara o monitor para o debate com o grupo a ser alfabetizado.

2 - APRESENTAÇÃO

O método de aprendizado é analítico-sintético. Dentro de roteiro pré-estabelecido, no entanto plástico, o monitor estabelece o diálogo com o grupo; partindo de palavras que surgem no debate, constrói frases simples porém ricas de conteúdo. Em seguida essas mesmas frases são usadas em exercícios de formação de palavras. O monitor orienta o debate, levando o aluno a descobrir que as palavras são formadas por pedaços que se ligam.

Conceituada assim a sílaba, os alunos são solicitados a formar novas palavras. A denominação da letra é a última etapa da aprendizagem de cada palavra que se apresenta.

A simplicidade do mecanismo - palavra - frase - palavra - sílaba - letra - sílaba - palavra - frase - aliada à apresentação rica de interesse para o aluno, uma vez que cada palavra geradora, ou cada frase formada, representa aspectos concretos da realidade vivida por êle próprio, maximizam a captação e fixação dos conhecimentos comunicados.

De posse do instrumental que vai lhe permitindo reconhecer os sinais escritos o aluno caminha para a compreensão de textos e, ao mesmo tempo, vai se apropriando dos elementos fundamentais de nossa gramática - concordância - sujeito - verbo - pontuação, etc., - sem que para isso lhe sejam transmitidas definições e regras.

A realidade brasileira - história, geografia, educação sanitária, cultura popular, etc., - é transmitida em conjunto com a alfabetização. Poesias e músicas brasileiras são elementos de motivação dentro do plano geral de centros de interesse, despertando ou desenvolvendo no grupo o sentimento ou aptidões artísticas paralelamente à alfabetização e conscientização.

3 - FORMAÇÃO DO PESSOAL

As escolas experimentais, como as radiofônicas, não exigem do monitor nível secundário.

A experiência nos tem demonstrado que na comunicação com os alunos, ao lado dos conhecimentos teóricos, o monitor deve ter a sensibilidade dos problemas do grupo. O monitor, mesmo de nível primário, mas pertencente ao meio do grupo, habitando nas imediações da escola, participando das mesmas dificuldades, estabelece de imediato contacto com os alunos, compreendendo e, sobretudo, sentindo suas aspirações e necessidades.

O monitor é localizado, por isso mesmo, em escola próxima à sua habitação. Após a seleção, teste simples de conhecimentos fundamentais, o monitor recebe um curso intensivo de 3 semanas - 15 dias aulas - no qual lhe são transmitidos elementos básicos de linguagem, aritmética, história e geografia, realidade brasileira e técnica de alfabetização.

Durante este curso inicial o monitor entra em contacto com as famílias residentes próximas da escola, comunicando o início das classes e convidando os adultos analfabetos a participarem do curso. Assim são abertas as matrículas e, no mesmo tempo em que a comunidade toma conhecimento da existência de nova atividade a ser desenvolvida, é convidada a nela participar.

Iniciadas as classes, os monitores passam a receber orientação semanal sob a forma de um roteiro, para toda a semana seguinte. O roteiro é debatido, iniciando-se o monitor desta forma nas técnicas de debate que ele irá utilizar, a seguir, em seu diálogo com o grupo a ser alfabetizado.

Desejamos ressaltar a importância do trabalho dos monitores. Em quase sua totalidade, pessoas humildes, de poucos conhecimentos, vão eles participando ativamente do processo de desenvolvimento da comunidade. A princípio, vêm no trabalho um emprêgo, uma forma apenas de conseguir ajuda para o sacrificado orçamento familiar. Inconscientemente, podemos dizer quase, vão se integrando na nossa problemática, indagando do porque das coisas, se orgulhando da tarefa de liquidar o analfabetismo. O monitor é um amigo do grupo. Identifica-se com ele, vive seus dramas, participa de suas alegrias. O curso regular dado aos monitores atesta, pela frequência, o interesse do monitor, o desejo de promover a elevação de sua cultura. O monitor participa das atividades culturais do Movimento. Assiste as peças teatrais, os concertos.

Assim preparado e assistido o monitor está plenamente capacitado a desempenhar suas funções.

4 - SUPERVISÃO

A Supervisão é essencial nas classes de alfabetização. Tem como objetivo primordial o desenvolvimento do elemento humano, atendendo as diferenças individuais e orientando o grupo. Ela se faz ainda necessária como fator de uniformização e sistematização, permitindo maior rentabilidade do trabalho e, em um segundo tempo, a análise e a avaliação do rendimento.

A supervisão orienta, estimula e ajuda os elementos do grupo. Para que a supervisão atinja seus objetivos, deve ser planejada. O planejamento exige conhecimento da situação real. Partindo-se de um planejamento adequado podemos estabelecer os dados que vão constituir os elementos de análise do trabalho realizado e avaliação do rendimento obtido. Para atingir seus fins, deve ser democrática, suscitando a participação do supervisionado; flexível, para se ajustar à personalidade de cada integrante do grupo; objetiva, para atender às necessidades reais do trabalho.

O PER planejou a supervisão, distribuindo as classes de alfabetização em distritos de supervisão. Cada distrito abrange uma ou mais zonas administrativas (classificação da PMR) de acordo com o número de escolas em cada zona.

Sendo de duas horas a duração de cada aula, o supervisor tem a possibilidade de atender 4 escolas por noite, uma vez que as escolas são agrupadas em função de sua proximidade. Um transporte, portanto, é necessário para cada grupo de 4 escolas. A supervisão é planejada de modo que cada escola seja visitada pelo menos uma vez por semana. Os supervisores fazem a visita em grupo de dois, necessidade ditada pela prática, dentro de nossa técnica de supervisão. Um grupo de 2 supervisores visita 4 escolas por noite, ou seja 20 por semana. Um total de 200 escolas, portanto, necessita de uma equipe de 10 grupo de supervisores. Enquanto um dos supervisores se dirige para o monitor, o outro atende diretamente aos alunos. O supervisor, para atendimento do verdadeiro sentido do processo educacional, deve apresentar qualidades de bom senso, paciência, lealdade, tato, entusiasmo, iniciativa, controle, socialidade, visão de conjunto, capacidade física e mental, para levar a bom termo seu trabalho.

O CER, promove o desenvolvimento do supervisor, para que ele se mantenha atualizado, realizando os círculos de estudos sobre problemas educacionais e outros relacionados com a realidade brasileira. No decorrer da supervisão, cabe ao supervisor estimular debates sobre o tema da aula e outros do momento atual, procurando conscientizar o grupo, contando com a participação do monitor.

O supervisor é ainda responsável pela avaliação do rendimento do trabalho. Para isso é ele encarregado de coligir dados, tais como data do início e do encerramento das classes, número de alunos matriculados, frequência média, número de concluintes, relação de matrículas com idade, sexo, profissão, etc.. O supervisor é também encarregado das relações com as associações, onde funcionam escolas. Para isso, procura remover dificuldades, com a colaboração dos supervisionados - monitor e alunos - expressando-se com moderação e bom senso. A supervisão, portanto, concorre decisivamente para estabelecer condições ótimas de funcionamento das classes de alfabetização.

5 - CUSTO POR ALUNO

As classes são organizadas teoricamente em grupos de 30 alunos. A equipe central é constituída pela coordenadora, professoras para formação do pessoal, técnicos para elaboração do material pedagógico e supervisores. É claro que a proporção que aumenta o número de classes diminui o custo do aluno; pois, uma parcela do custo inicial permanece fixa, ou aumenta em proporção mínima relativamente ao número de alunos, que cresce na proporção teórica de 30 alunos por classe. Tomemos por base a manutenção de 200 classes, ou seja teoricamente, 6.000 alunos.

Pessoal - (mensal)

1	coordenador		Cr\$	30.000,00
2	professôres (formação do pessoal)	Cr\$ 20.000,00	Cr\$	40.000,00
2	professôres (elaboração material)	Cr\$ 20.000,00	Cr\$	40.000,00
1	responsável supervisão		Cr\$	20.000,00
1	auxiliar administração		Cr\$	15.000,00
20	supervisores	Cr\$ 15.000,00	Cr\$	300.000,00
200	monitores	Cr\$ 7.000,00	Cr\$	1.400.000,00
				Cr\$ 1.545.000,00

Material - (total)

a)

200	esponjas	Cr\$ 70,00	Cr\$	14.000,00
100	caixas de giz	Cr\$ 140,00	Cr\$	14.000,00
100	resmas papel mimeografo	Cr\$ 800,00	Cr\$	80.000,00
	cartolina, tinta, etc.		Cr\$	20.000,00
			Cr\$	128.000,00

b)

6.200 livros	Cr\$ 70,00	Cr\$ 434.000,00
6.000 blocos	Cr\$ 25,00	Cr\$ 150.000,00
6.000 lápis	Cr\$ 5,00	Cr\$ 30.000,00
		<hr/>
		Cr\$ 614.000,00

Transporte

10 jipes das 18:30 às 22:30. $\frac{1}{2}$ vezes por semana, correspondendo a 4 (quatro) horas de extraordinário para os motoristas, durante 15 semanas.
 Por dia: 4 horas x Cr\$ 100,00 = Cr\$ 400,00 x 10 jipes = Cr\$ 4.000,00
 Por semana : 5 dias x Cr\$ 4.000,00 = Cr\$ 20.000,00
 Total : 15 semanas x Cr\$ 20.000,00 = Cr\$ 300.000,00

Custo total

Pessoal	Cr\$ 1.545.000,00 x 4 meses	Cr\$ 6.180.000,00
Material		Cr\$ 128.000,00
Transporte		Cr\$ 300.000,00
		<hr/>
		Cr\$ 6.608.000,00

Consideramos fator importante para a formação do aluno a compra de material escolar por ele próprio. Por esse motivo o custo do material foi apresentado em dois itens, a) e b), o Livro de Leitura, bloco e lápis, constituindo parcela à parte na presente estimativa.

Ressaltamos que o custo das 200 classes iniciais é mais elevado, uma vez que o percentual correspondente à pessoal, representando 93% do total, tende a diminuir à proporção que aumenta o número de classes.

O custo aluno equivale teoricamente a Cr\$ 6.608.000,00 dividido por 6.000 alunos, ou seja, Cr\$ 1.101,33 por aluno.

Insistimos no termo teoricamente porque, na verdade, as turmas não se constituem grupos de 30 alunos, embora as matrículas ultrapassem, em sua maioria, a casa dos 40.

6 - EVASÃO ESCOLAR - SUGESTÕES

O grave problema da evasão escolar, comprovado no decurso dos três anos de nosso trabalho, comprova a ineficácia da alfabetização pela alfabetização, sem a preocupação maior de integrá-la no contexto sócio-econômico do grupo.

Numa análise superficial encontramos alguns fatores constantes concorrendo para o afastamento do aluno.

Numerosas matrículas são efetuadas, tendo o aluno por objetivo, obter carteira de estudante que irá lhe garantir redução no preço de transportes e diversões. Desanima e se afasta quando se convence da inutilidade de seus esforços em conseguí-la, uma vez que o S.E.T.P.P. só concede carteira de estudante aos jovens das classes não oficializadas, até a idade máxima de 14 anos.

A quase totalidade das classes é constituída por feirantes, operários, domésticas, soldados e vendedores ambulantes. A freqüência é sensivelmente abalada pelo serão (necessidade de dormir cedo para madrugar nas feiras) mudanças de empregos domésticos, horário rígido de entrada no quartel, etc..

Por outro lado, chuvas, culto religioso, reunião das associações, festas populares etc., interrompem a seqüência regular das aulas.

No entanto, o fator básico do afastamento do aluno é a prática da alfabetização pela alfabetização. Não é motivo bastante para o analfabeto aprender a ler para saber ler. É fundamental que lhe seja dada, de imediato, uma perspectiva de melhoria de condições de vida. O despertar para a cultura é posterior ao aprendizado da leitura. A alfabetização é válida para o adulto analfabeto, na medida em que se constitui instrumento de trabalho, como fator decisivo na obtenção de emprego, ou elemento imprescindível para atingir estágio melhor

dentro de sua profissão.

Ao operário, satisfaz assinar o nome ou ler o letreiro de seu ônibus, se a aquisição de conhecimentos não lhe proporcionar emprego melhor remunerado. Estudar, aprender, não terá sentido para o desempregado, se não houver aceno de condições de emprego para ele. Homens cansado nos têm dito que é melhor dormir cedo ou jogar dominó na associação do bairro, que forçar a cabeça já fatiada com os problemas de cada dia, para aprender a ler ou para estudar. Essas dificuldades podem ser superadas com a profissionalização da escola. Forte motivação para o adulto será a aprendizagem de uma profissão aliada ao processo de alfabetização. Atraído pela perspectiva de aprender uma profissão que irá lhe garantir a subsistência, o adulto procura se alfabetizar porque passa a ver na alfabetização um dos elementos que lhe irão integrar na comunidade. Motorista, barbeiro, manicure, alfaiate, costureira, carpinteiro, envernizador, são algumas das profissões que sugerimos como aprendizado paralelo à alfabetização.

Consideramos positiva a experiência feita neste sentido em Natal pela campanha "De pé no chão também se aprende a ler".

Assim julgamos oportuno um estudo mais demorado sobre as soluções e métodos utilizados em Natal sobre a profissionalização dos alunos como primeiro passo concreto para superar o problema da evasão escolar. Sugerimos o envio de dois integrantes do PER para verificação, em Natal, dos resultados obtidos, meios utilizados verbas dispendidas, etc., com a campanha "De pé no chão se aprende uma profissão". A profissionalização de adultos constituiria inicialmente um setor do Projeto de alfabetização, tornando-se, logo que necessário, um Projeto independente, se bem que ligado ao Projeto de alfabetização, pela natureza própria de suas atividades: constituir a motivação básica para a alfabetização dos adultos.

7 CONCLUSÕES

Considerando que:

- a) O PER, ultrapassou o campo da educação pelo rádio;
- b) iniciou uma técnica simples de alfabetização dentro das condições de que dispunha;
- c) preparou e, vem dando assistência a toda uma equipe qualificada para o trabalho programado;
- d) os resultados iniciais nos levam a prever rendimento ótimo na alfabetização;
- e) a equipe está habilitada a instalar escolas radiofônicas desde que disponha de horário em emissoras;
- f) após entendimento com o prof. Paulo Freire, instalará no Recife, Círculos de Cultura para alfabetização, dentro da nova estrutura do MCP, o PER, com cluinos, passaria a denominar-se PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE BASE, denominação que atenderia realmente o tipo de trabalho desenvolvido.